

Calvino: a aplicação da teologia à vida das instituições

LUÍS MELANCIA

Ciência das Religiões (Universidade Lusófona)

A obra de teológica dos grandes reformadores europeus – esses que foram formadores de uma nova Europa no seu tempo – a sua obra teológica, dizia, nunca foi incorporada na cultura religiosa portuguesa. Fala-se muito, agora, em «asfixia democrática», mas por cá fomos vivendo uma certa «*asfixia teológica*» que nos empobreceu transversalmente. Tivemos a vacina sem ter tido a doença: isto é, tivemos uma exuberante e actuante Contra-Reforma sem, contudo, termos tido Reforma protestante. E é tempo de fazer-se uma descompressão teológica!

Este ano, passados que são 500 anos do nascimento de Calvino, muito mais importante que uma espécie de peregrinação *Ad Limina Apostolorum*, mais importante que visitar o sepulcro dos seus ossos é revisitar a fecundidade do pensamento de Calvino.

Karl Barth, de tradição calvinista, deixou claro que Calvino “nunca foi o nosso papa. (...) Os reformadores, nossos pais na fé, unidos aos pais da Igreja antiga, não podem ser para nós mais do que antepassados que nos ajudam a compreender. A verdadeira autoridade dos cristãos protestantes é a Palavra, aquela que o próprio Deus pronunciou, pronuncia e pronunciará eternamente mediante o testemunho do seu Espírito Santo nos escritos do Antigo e do Novo Testamentos. Calvino é para nós um mestre na arte de escutar esse singular e único ensino da Igreja”.

Num artigo do *Público*, o Frei Bento Domingues sublinhou que tem sentido reabrir o passado, não por ser passado, mas, como dizia Paul Ricoeur, para “libertar a sua carga de futuro”. Visitamos hoje o pensamento de Calvino porque esse passado está prenhe de futuro; há nele, de forma profética, um futuro pronto a nascer. Parte da Europa e do Ocidente que viemos a ser, estava escondida, de forma embrionária, no pensamento teológico de Calvino.

Nem sempre a Igreja teve ou tem tido a capacidade de (1) interpretar os tempos e (2) traduzir para o seu tempo as verdades tidas por intemporais. Num relato dos evangelhos, lemos que certa vez Jesus cri-

Luís MELANCIA – Calvino: a aplicação da teologia à vida das instituições

ticou homens do seu tempo por saberem ler o significado das nuvens avermelhadas mas não saberem ler os sinais dos tempos. Ora, Calvino não foi nenhum especialista em nuvens; Calvino não foi como aquele Sócrates que Aristófanes tentou reproduzir n'As Nuvens. Pelo contrário: Calvino soube ler o seu tempo e soube, num rasgo de genialidade, aplicar a sua teologia à vida das instituições – quer educativas, quer económicas, quer políticas.

Podemos afirmar, com razoável segurança, que o pensamento de Calvino consagrava o princípio da separação das instituições – a separação entre a Igreja e o Estado – e a consequente separação entre o poder político e o eclesiástico. Mas propunha, com igual clareza, o que poderíamos chamar de uma integração de valores. Isto é, Calvino defendia e demonstrava que os princípios do Reino de Deus deveriam achar aplicabilidade às coisas do reino dos homens.

Ora, muito haveria para dizer acerca da multidisciplinaridade do pensamento *calviniano* e da forma como aplicou a sua teologia aos outros campos do saber: a educação e a cultura, por exemplo, foram campos onde a produção de Calvino deixou marcas indeléveis na sociedade de Genebra. Todavia, um dos aspectos em que esta aplicação de valores se fez notar no seu pensamento, foi no que Max Weber veio a identificar como uma «ética protestante», geradora do que ele chamou de «espírito do capitalismo». A frugalidade, a confiabilidade, o perfeccionismo, o trabalho árduo são valores que, trazidos e integrados na actividade económica, geram uma ética e um «espírito». E assim se formou, com Calvino, o que proponho chamar-se de uma «teologia económica e do trabalho».

Numa Europa medieval empobrecida por uma débil actividade económica, e num quadro teológico em que a pobreza era valorizada e o lucro diabolizado, foi a mensagem dos reformadores que trouxe uma nova interpretação à actividade económica e à criação da riqueza.

Antes de Calvino, já Lutero defendia que o trabalho deveria ser encarado como uma missão dada por Deus e que a charrua deveria ser devolvida às mãos daqueles pobres que viviam da caridade alheia.

Mas se identificamos em Calvino esse tal «espírito do capitalismo», se creditamos a favor de Calvino a formulação do que poderíamos identificar como uma «teologia económica», também é verdade que esse modelo só poderia sobreviver à medida que fosse vivido a partir de princípios éticos que, entretanto e infelizmente, se esvaíram, se desvaneceram, se esvaziaram no caudal do tempo.

86 | Centrais, no pensamento de Calvino, são valores como a frugalidade, a poupança, o investimento e a caridade. Ora, este quadrado for-

mava a base de uma teologia que produziria significativa abundância individual e colectiva. Ao defender a frugalidade, a simplicidade na vida, ao rejeitar a sumptuosidade, estava criado o ambiente para a poupança. A abundância daí resultante não deveria ser banalizada, desperdiçada, perdida. «*Para que nada se perca*», foram as palavras de Jesus de Nazaré, ao ser confrontado com tanta abundância que transbordava aquando do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Essa abundância deveria, depois, dar lugar ao investimento disciplinado, criterioso, de modo produzir ainda mais riqueza – e assim, também neste domínio, seria a glória de Deus revelada e demonstrada. O crente não poderia, ainda, abandonar o sentido de responsabilidade pelos mais débeis, mais pobres, e deveria manter a caridade como elemento estruturante deste quadrado.

A ética calvinista, trazida para o domínio do económico, criou o ambiente de liberdade e responsabilidade que marcou gerações e foi determinante na criação de uma nova identidade europeia mais a norte.

